



Fotos: Claudio Gatti

Cleodorvino Bellini, então presidente da Fiat do Brasil, convencido pelo fotógrafo a lavar as rodas de um carro da marca

Retratos inesperados

PELO OLHAR ATREVIDO DE CLAUDIO GATTI

POR SÉRGIO BRANCO

Presidentes de multinacionais, CEOs e alto executivos topam posar das formas mais inusitadas para um fotógrafo criativo e cheio de lábia. Confira

O “boneco” do executivo, com os braços cruzados atrás de uma mesa ou em pé, com a mão no queixo, é o retrato clássico e inosso feito por muitos fotojornalistas que cobrem a área corporativa, habitada por homens de negócios sempre sem tempo a perder e assessores ávidos por apressar quem for escalado para fotografá-los. Os que conseguem romper com a mesmice e passar pela barreira da turma do “isso não po-

de, isso não dá” acabam se destacando na área. É o caso de Claudio Gatti, um mestre na arte de driblar assessores e convencer presidentes de multinacionais, CEOs e alto executivos a fazer exatamente o que ele planejou, quase sempre algo criativo e inusitado.

Há três retratos feitos por Gatti que chamam muito a atenção: de Ivan Zurita, na época o badalado presidente da Nestlé, derramando leite de caixinha no próprio rosto; de Cleodorvino Bellini, ex-pre-



Ivan Zurita, então presidente da Nestlé, joga leite sobre o próprio rosto a pedido de Claudio Gatti



Pedro Furlan, então CEO da Nativ, posa com peixe no ombro: foto arruinou o paletó por causa do cheiro

presidente da Fiat Chrysler para a América Latina, descalço, com as pernas da calça dobradas na altura do joelho, agachado, lavando as rodas de um carro; e do jovem executivo Pedro Furlan, da Nativ, vestido de terno, carregando um peixe nas costas.

Em todas há um respingo do improvável, que gera uma questão comum: como ele conseguiu isso? Cada foto tem uma história, e quando trata de contá-las Gatti lembra dos pormenores com satisfação. Se incentivado, pode passar horas falando das imagens que produz. Mas não é apenas o ímpeto que acende a luzinha da criatividade. Ele estuda os personagens, procura informações sobre eles, o tipo de negócio que administram ou os produtos que fabricam... Muitas vezes uma ideia fica apenas na sugestão, pois na hora "H" vem outra, melhor, e o fotógrafo improvisa com o que tem.

Para convencer o executivo reticente, Gatti usa lábia e experiência, coisa de quem trata o todo-poderoso do momento como um igual, sem frescuras, olho no olho, disparando os argumentos certos para cada situação, sempre com calma, educação e um sorriso. Ele está convencido de que aquela é a foto que vai para a capa da revista ou para a abertura da reportagem. Busca convencer o outro dessa certeza. Na maior parte das vezes, o executivo cede e, em alguns casos, até supera a expectativa.

As fotos com Zurita, Bellini e Furlan podem entrar nessa categoria, mas há muitas outras. Com Zurita, o clássico seria ele fotografá-lo orde-



Como fazer algo diferente ao retratar o diretor do grupo paranaense Ouro Fino, fabricante de água mineral: Guto Mocellin foi convencido a se trajear elegantemente, tomar um banho de terno e entrar no reservatório de água em frente à sede da empresa

Uma bandeira da Inglaterra foi pintada no rosto do bilionário Carlos Wizard Martins, fundador das escolas de inglês Wizard e hoje multiempresário, dono de vários negócios, entre eles a rede Mundo Verde, a maior de produtos naturais da América Latina

nhando um vaca. Mas a novidade era um leite de caixinha. Papo rápido e o então alto executivo da multinacional suíça Nestlé se prestou a derramar o leite no rosto (e quase se afogou com ele, conta Gatti). O fotógrafo subiu numa escada (acessório que ele usa bastante) para fugir de uma ingrata contraluz ao fundo.

Com Bellini o lugar-comum seria o então presidente da Fiat escondido em um carro dentro de uma concessionária da marca. Gatti não tinha nada planejado. Seria no improviso. Tudo marcado, chegaram lá e o carro estava sendo lavado. O executivo comentou: “No meu tempo, a gente só lavava as rodas para passear de carro”. Deixa dada, o fotógrafo emendou: “Que tal a gente fazer a foto do senhor lavando a roda do carro como no seu tempo?”. Ideia aceita, o fotógrafo notou o desconforto do executivo fazendo isso de terno. Convenceu-o a tirar os sapatos e arregaçar as calças. Sob os olhos incrédulos dos funcionários da concessionária, Bellini se divertiu, fez com prazer, e a foto ficou muito melhor do que o esperado.

O jovem executivo Pedro Furlan ia dar uma entrevista sobre a linha de peixes de água doce que seriam vendidos enlatados pela Nativ – negócio que não prosperou e a empresa faliu cerca de dois anos depois. Mas aquela novidade merecia algo a mais, matutou Gatti. Passou no mercado, comprou um dourado, colocou no porta-malas do carro e subiu com o peixe embrulhado até o escritório de Furlan, CEO da empresa.

Os assessores do executivo acharam aquilo um horror, mas o fotógrafo vendeu seu peixe como ninguém. Foto feita, capa garantida, Gatti agra-



Empresária Luciana Fasano posa na sala de estar da Fazenda Floresta, de propriedade dela, com um cavalo de raça; para convencê-la, Gatti disse que o cavalo era uma obra de arte que merecia estar na sala e ele foi levado para lá



Fotos: Claudio Gatti



Acima, o chef Sergio Arno, dono de uma rede de restaurantes de comida italiana, posa sobre a mesa cercado de massas (Gatti afirma que foi ele quem pediu para sujar o rosto com massa de tomate); ao lado, Mark Pitt, então presidente da fabricante de tintas Sherwin Williams no Brasil – o fotógrafo o convenceu a pintar a cara para mostrar as propriedades da tinta, que fora lançada como não prejudicial à saúde humana quando em contato com a pele

deceu o senso de colaboração de Furlan e o deixou para trás com um terno caro e imprestável graças ao cheiro forte do dourado, que impregnou a lã fria importada usada pelo alfaiate.

TUDO MUITO RÁPIDO

Tempo é dinheiro. Para um alto executivo, essa máxima pode ser multiplicada por cem. Assim, Claudio



Gatti geralmente tem pouco tempo para montar sua luz (quando é necessário), falar da sua ideia, convencer o retratado e clicar. “Dá uma média de 20 minutos, no máximo, para cada produção dessas”, calcula. Tem trabalho que não passa de três ou quatro cliques. Foto garantida, pronto, acabou.

Na bolsa de equipamentos, leva uma Canon EOS 5D Mark II com um jogo de lentes fixas profissionais da Canon (50 mm f/1.4, 85 mm f/1.2 e 100 mm macro f/2.8),

mais a zoom 70-200 mm f/2.8. Como iluminação, tem à disposição dois flashes a bateria Broncolor com hazies de tamanho médio. Quase nunca usa rebatedor, pois não tem assistente.

Nas pautas que faz para a revista *Dinheiro Rural*, ele geralmente viaja para o interior, e isso lhe dá mais tempo nas produções. Então, pode conversar mais com o personagem, tentar uma relação mais próxima e partir para a realização da ideia.

Como retratar um executivo de uma empresa de sementes: ao descobrir que as amostras para estudos eram coloridas, Gatti montou o cenário com peneiras e cestos e fez Nelson Tagili, diretor da Sakata Sementes, brincar alegremente com elas

Laboratório e casamento

Caçula de uma família de 12 irmãos, em que o pai era pedreiro na extinta Rede Ferroviária Federal, Claudio Gatti teve uma infância humilde em Mogi das Cruzes (SP). Foi lá que ele descobriu a mágica da fotografia aos 16 anos, quando conseguiu um emprego na Universidade Braz Cubas, no setor de audiovisual. Chegou a ser instrutor de laboratório no curso de Comunicação Social.

Como funcionário, tinha bolsa de estudos integral. Mas o único curso disponível no período da manhã era o de Engenharia Mecânica. Começou, mas não terminou. Migrou para o curso de Matemática, pois era bom em cálculo, e abandonou no último ano – ouviu o chamado da fotografia. Pediu demissão depois de 10 anos na universidade, pegou o dinheiro da rescisão e correu para a Rua Conselheiro Crispiniano, no

centro da capital paulista, então a meca da venda de equipamentos fotográficos no Brasil. Saiu de lá com um kit para começar a vida profissional.

Em busca de trabalho, acabou virando assistente da fotógrafa Nellie Solitrenick, uma das primeiras fotojornalistas a deixar o ambiente de redação (passou pelas revistas *Veja* e *Caras* e pelo jornal *O Globo*) para se dedicar à fotografia social, levando para a área de casamentos uma linguagem de reportagem de revista. Foi um ótimo período de aprendizado para Gatti, quando ainda se fotografava com cromo, ou seja, a margem para erro na exposição era muito pequena.

Uma bronca de 40 minutos da chefe foi outra lição: fazer tudo com a máxima atenção. Explica-se: Nellie pedia para que Gatti jamais trocasse o filme da câmera dela. Ela faria isso, sempre. Mas, um dia, na correria de uma cobertura de

casamento, ele resolveu fazer a troca para ajudá-la. Resultado: na prensa, o filme não ficou bem encaixado e apesar dos cliques ele não rodou. A fotógrafa percebeu a mancada, recolocou o filme rapidamente, mas perdeu algumas cenas. “Cometi um erro que quase me custou o emprego. Mas isso me levou a ser muito mais atento com meu trabalho”, afirma o fotógrafo.

Tempos depois, Gatti fez o caminho inverso de Nellie e foi para o fotojornalismo. Foi frila das revistas *Caras*, *Quem* e *IstoÉ Gente*. Uma vez com um pé na Editora Três, acabou contratado como editor de fotografia da revista *IstoÉ Dinheiro*. Deixou a empresa depois de dois anos, se tornou frila fixo na *Veja*. Passados três anos acabou retornando como repórter fotográfico da *IstoÉ Dinheiro* e da *Dinheiro Rural* (do segmento de agronegócios).



Claudio Gatti

Acima, Carlos Alberto Pasetti, dono da Sucorrico Citrus, sobre sacas de laranja; abaixo, Claudio Gatti (ao centro) com Pasetti e o executivo João Nagy, do grupo WTC, na abertura de sua exposição de retratos de homens de negócio em Paris



João Luiz Bulcão

Foi assim na fazenda da Sucorrico Citrus, em Araras (SP). Ele quis retratar o dono da empresa, Carlos Alberto Pasetti, com jarra de suco na mão em cima de grandes sacas de laranja. Para isso, precisou mobilizar os tratores que recolhem essas sacas. Fez um cenário com 18 delas, lado a lado. Detalhista, foi de saca em saca separando só as melhores laranjas para ficar por cima. Foram três horas de preparação.

Produção terminada, o executivo foi chamado para posar sobre as sacas, já com jarra e roupa de homem do campo. Como não tinha levado escada, Gatti emprestou uma da fazenda e fez a composição em mergulho (de cima para baixo), eliminando o fundo e destacando as sacas de laranja em volta do executivo.

Com Pasetti ficou uma relação de amizade que fez o empresário ir a Paris, França, visitar a abertura da exposição de Claudio Gatti feita em outubro de 2017, reunindo sete desses retratos de executivos no espaço Le Corrousel du Louvre, como parte do Salão Internacional de Arte Contemporânea.

Depois de 15 anos nas revistas da Editora Três, Gatti já fez 98 capas e teve seu trabalho reconhecido fora do âmbito editorial ao participar dessa exposição internacional, convidado pela curadora brasileira Heloísa Azevedo, da galeria Heclitk Art. No catálogo do salão, distribuído para vários museus da Europa, constavam 16 imagens feitas por ele. "Além do Pasetti, outros dois retratos estiveram na exposição, João Nagy, do grupo WTC, e Carlos Wizard, multiempresário", diz Gatti.

Criatividade, lúbia, paciência e agilidade são virtudes desse profissional de 45 anos que não se contenta com o clássico "boneco" que ainda impera nas imagens corporativas. Mas ele também conhece os limites de até onde pode ir. "Tenho consciência que trabalho em cima de uma linha tênue entre o ridículo e o inusitado. Então, procuro jamais romper essa linha", explica.